



**DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DE
GERENCIAMENTO CONTÍNUO E INTEGRADO DE
RISCOS**

**RELATÓRIO DE PILAR 3
2024**

Elaboração: Dezembro/2025

DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DE GERENCIAMENTO CONTÍNUO E INTEGRADO DE RISCOS

RELATÓRIO DE PILAR 3

SUMÁRIO

1. MODELO DE NEGÓCIOS, O PERFIL DE RISCOS E O NÍVEL DE APETITE POR RISCO	3
2. GOVERNANÇA DE GERENCIAMENTO DE RISCOS - ESTRUTURA ORGANIZACIONAL – PAPÉIS E RESPONSABILIDADES	3
3. DISSEMINAÇÃO DA CULTURA DE RISCOS.....	6
4. PROCESSO DE MENSURAÇÃO DE RISCOS.....	6
5. PROCESSO DE REPORTE DE RISCOS À DIRETORIA.....	7
6. INFORMAÇÕES QUALITATIVAS SOBRE O PROGRAMA DE TESTES DE ESTRESSE	7
7. ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO DE RISCOS E SUA EFETIVIDADE.	8
8. DESCRIÇÃO DO GERENCIAMENTO DE CAPITAL, INCLUINDO A AVALIAÇÃO DE SUFICIÊNCIA E ADEQUAÇÃO DO PATRIMÔNIO DE REFERÊNCIA (PR) PARA COBERTURA DOS RISCOS DAS ATIVIDADES ATUAIS E PROJETADAS DA INSTITUIÇÃO	9

DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DE GERENCIAMENTO CONTÍNUO E INTEGRADO DE RISCOS

RELATÓRIO DE PILAR 3

1. MODELO DE NEGÓCIOS, O PERFIL DE RISCOS E O NÍVEL DE APETITE POR RISCO

A instituição atua com foco nos segmentos de ouro ativo financeiro e câmbio, bem como na prestação de serviços de assessoria cambial.

Nesse contexto de negócios com operações de ouro ativo financeiro e câmbio a instituição reconhece a relevância dos riscos operacionais, legais e de imagem na condução das suas atividades operacionais, tendo como objetivo, manter seu nível de exposição à riscos em patamares aceitáveis e compatíveis ao seu apetite por riscos.

Em consonância com seu perfil operacional e diretrizes estabelecidas pela diretoria, mantém uma postura conservadora na alocação de seus recursos próprios, mantendo seus ativos concentrados em correntes bancárias em instituições financeiras, no intuito de manter baixo, os seus níveis de exposição aos riscos, considerando os riscos de mercado, de crédito e de liquidez.

As operações de ouro ativo financeiro e câmbio são ativamente negociadas na carteira e detidas basicamente com a intenção de negociação para liquidação imediata, sendo o monitoramento realizado de forma diária mediante atividades de controle com o objetivo de nivelamento/zeramento da posição, visando manter reduzido seu nível de exposição cambial.

2. GOVERNANÇA DE GERENCIAMENTO DE RISCOS - ESTRUTURA ORGANIZACIONAL – PAPÉIS E RESPONSABILIDADES

Sua estrutura de Gerenciamento de Riscos e de Capital está suportada por quadro de pessoal habilitado, processos internos e soluções tecnológicas apropriadas (Risk Driver e For Capital), abrangendo análises quantitativas e qualitativas com visão histórica e prospectiva.

Os riscos da instituição são monitorados por áreas segregadas em relação às áreas de negócios e de suporte operacional (Áreas de *Compliance* e de Gerenciamento de Riscos e Capital) e de forma independente pela Auditoria Interna.

Esta estrutura é reavaliada periodicamente visando a manutenção de mecanismos atualizados, compatíveis, proporcionais, adequados e capazes de avaliar os riscos decorrentes de suas atividades internas, serviços prestados, relacionamento com seus clientes e as condições macroeconômicas nos mercados em que a instituição atua.

A Estrutura Organizacional é composta pela Diretoria, CRO e gestores dos processos de negócios, de apoio e de gerenciamento de riscos e controles internos, abrangendo atribuições, papéis e responsabilidades para todos os níveis organizacionais e respectivas linhas de defesa:

a) Diretoria

- ✓ Fixar os níveis de apetite por riscos da instituição na RAS e revisá-los, com o auxílio do CRO;
- ✓ Aprovar e revisar, políticas, estratégias, limites de gerenciamento de riscos e de capital, programa de testes de estresse (Análise de Sensibilidade), política de gestão de continuidade de negócios, plano de contingências de liquidez e plano de capital;
- ✓ Assegurar a aderência da instituição às políticas, às estratégias e aos limites de gerenciamento de risco;

DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DE GERENCIAMENTO CONTÍNUO E INTEGRADO DE RISCOS

RELATÓRIO DE PILAR 3

- ✓ Assegurar a correção tempestiva das deficiências da estrutura de gerenciamento de riscos e da estrutura de gerenciamento de capital;
- ✓ Aprovar e manter acompanhamento sobre processo de gestão de mudança e alterações significativas, em decorrência dos riscos decorrentes de novos produtos e serviços/modificações relevantes, mudanças significativas em processos, sistemas, operações e modelos de negócios, estratégias de proteção (Hedge) e iniciativas de assunção de riscos, reorganizações societárias significativas e alteração nas perspectivas macroeconômicas;
- ✓ Autorizar, quando necessário, exceções às políticas, aos procedimentos, aos limites e aos níveis de apetite por riscos fixados na RAS;
- ✓ Promover a disseminação da cultura de gerenciamento de riscos na instituição;
- ✓ Assegurar recursos adequados e suficientes para o exercício das atividades de gerenciamento de riscos e de gerenciamento de capital, de forma independente, objetiva e efetiva;
- ✓ Garantir que a estrutura remuneratória adotada pela instituição não incentive comportamentos incompatíveis com os níveis de apetite por riscos fixados na RAS;
- ✓ Assegurar que a instituição mantenha níveis adequados e suficientes de capital e de liquidez;
- ✓ Garantir que o conteúdo da RAS seja observado pela instituição.

b) CRO – Diretor Responsável por Gerenciamento de Riscos e Capital

- ✓ Supervisionar o desenvolvimento, a implementação e o desempenho da estrutura de gerenciamento de riscos, incluindo seu aperfeiçoamento;
- ✓ Manter programa de capacitação dos integrantes da estrutura de gerenciamento de riscos e de capital, acerca das políticas, dos processos, dos relatórios, dos sistemas e dos modelos da estrutura de gerenciamento de riscos, mesmo que desenvolvidos por terceiros;
- ✓ Dar subsídios a Diretoria e participar ativamente do processo de tomada de decisões estratégicas relacionadas ao gerenciamento de riscos e de gerenciamento de capital;
- ✓ Avaliar a adequação de capital da instituição em relação ao seu perfil de risco e aos níveis de exposição ao risco da Instituição;
- ✓ Garantir que o conteúdo da RAS seja observado pela instituição.

c) 1ª Linha de Defesa – Gestores dos Processos das Áreas de Negócios e Suporte Operacional

- ✓ Realizar as atividades que impliquem a assunção de riscos em consonância com diretrizes e limites estabelecidos pela Diretoria;

DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DE GERENCIAMENTO CONTÍNUO E INTEGRADO DE RISCOS

RELATÓRIO DE PILAR 3

- ✓ Manter controles internos eficazes e conduzir procedimentos de gerenciamento de riscos e controles diariamente;
- ✓ Identificar, avaliar, tratar, controlar, monitorar e reportar os riscos de suas áreas, de forma alinhada às diretrizes internas, regulamentações, políticas e procedimentos aplicáveis;
- ✓ Executar ações corretivas visando a correção de deficiências e promover melhoria em processos e procedimentos operacionais.

d) 2ª Linha de Defesa – *Compliance* e Gerenciamento de Riscos

- ✓ Apoiar a Diretoria e Áreas de Negócios e de Suporte Operacional a implantar e implementar políticas e estratégias para o gerenciamento de riscos que estabeleçam limites e procedimentos destinados a manter a exposição aos riscos em conformidade com os níveis fixados na RAS-Declaração de Apetite por Riscos, inclusive políticas e estratégias para continuidade de negócios;
- ✓ Atuar como suporte e apoio na implementação de práticas de gerenciamento de riscos e metodologia de Controles Internos e Compliance, bem como dar suporte às áreas de negócios e operacionais de forma consultiva;
- ✓ Identificar, mensurar e avaliar os riscos a que a instituição está exposta, priorizando os riscos de maior impacto e probabilidade, abrangendo riscos conhecidos e riscos novos/emergentes não abordados anteriormente;
- ✓ Monitorar continuamente as atividades de administração, o funcionamento dos processos de gerenciamento de riscos, o desenho, a eficiência e a eficácia dos controles executados pelas áreas de negócios e de suporte operacional e de prestadores de serviços terceirizados considerados relevantes para o negócio;
- ✓ Testar e avaliar a aderência à regulamentação, políticas e procedimentos, mantendo padrões de integridade alinhados aos princípios, diretrizes e apetite ao risco adotados pela Instituição, reportando sistemática e tempestivamente à Alta Administração, os resultados de suas análises em relação à conformidade;
- ✓ Questionar e avaliar os riscos assumidos nas operações realizadas pelas áreas de negócios, caso sejam observadas exceções às políticas, aos procedimentos, aos limites e aos termos da RAS-Declaração de Apetite por Riscos;
- ✓ Realizar testes de estresse (Análise de Sensibilidade) aprovados pelo CRO;
- ✓ Avaliar a eficiência e efetividade das atividades de controle desenvolvidas pelas Áreas de Negócios e de Suporte Operacional por meio de mapeamentos, monitoramento e testes de controles, efetuando reportes de sua atuação periodicamente para a Diretoria / Alta Administração;

DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DE GERENCIAMENTO CONTÍNUO E INTEGRADO DE RISCOS

RELATÓRIO DE PILAR 3

- ✓ Elaborar relatórios gerenciais tempestivos para o CRO / Diretoria da instituição, versando sobre a adequação, funcionamento e eficácia dos processos da estrutura de gerenciamento de riscos e de capital.

e) 3ª Linha de Defesa – Auditoria Interna

- ✓ Avaliar periodicamente os processos relativos ao gerenciamento de riscos e ao gerenciamento de capital, abrangendo no mínimo:
 - Políticas e das estratégias para o gerenciamento dos riscos de crédito, de mercado, de variação das taxas de juros para os instrumentos classificados na carteira bancária (IRRBB), operacional, de liquidez, socioambiental e demais riscos relevantes;
 - Sistemas, rotinas e procedimentos para o gerenciamento de riscos;
 - Utilização de modelos para o gerenciamento de riscos, considerando as premissas, as metodologias utilizadas e o seu desempenho;
 - O capital mantido pela instituição para fazer face aos riscos a que está exposta;
 - O Planejamento de metas e de necessidade de capital, considerando os objetivos estratégicos da instituição.
- ✓ Avaliar a conformidade da instituição com leis, regras, regulamentos, normas, políticas, procedimentos e controles internos;
- ✓ Avaliar adequação e eficácia dos controles internos para manter a salvaguarda dos ativos;
- ✓ Fornecer aos órgãos de governança e à Alta Administração avaliações abrangentes, independentes e objetivas relativas aos riscos da Instituição.

3. DISSEMINAÇÃO DA CULTURA DE RISCOS

O processo de disseminação da cultura é realizado por meio de divulgação de informações em Código de Conduta/Ética, Manuais Internos na rede interna da instituição, treinamento interno/externo e divulgação de resoluções, circulares, cartas circulares e instruções normativas editadas pelo Conselho Monetário Nacional, Banco Central do Brasil e CVM-Comissão de Valores Mobiliários, bem como por meio de atividades internas de auto-avaliação de riscos e controles.

4. PROCESSO DE MENSURAÇÃO DE RISCOS

A Instituição adota metodologia de gerenciamento de riscos e de controles internos combinando a aplicação de critérios qualitativos e quantitativos abrangendo *RCSA -Risk Control Self Assesment* e avaliação/Mensuração de Riscos conforme modelo RWA - Ativos Ponderados pelo Risco definido pelo Banco Central do Brasil.

A combinação desses critérios, tem como objetivo permitir a Instituição, mensurar riscos/eventos de riscos, passíveis de avaliação objetiva com base em análise e indicadores

DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DE GERENCIAMENTO CONTÍNUO E INTEGRADO DE RISCOS

RELATÓRIO DE PILAR 3

quantitativos e avaliar qualitativamente causas e consequências de eventos (estrutura, processos, sistemas e eventos externos) e de ocorrências que possam gerar perdas financeiras ou afetar os objetivos da instituição.

O cruzamento, integração e consolidação dessas informações qualitativas e quantitativas permite o aperfeiçoamento das análises com base na avaliação de gestores das diversas áreas/processos da organização, envolvendo áreas de negócios, de suporte operacional e de controle, ou seja gestores de 1º e 2º linhas de defesa, visando aumentar os níveis de previsibilidade dos eventos e dos impactos, reduzir os níveis incertezas nas avaliações realizadas e o de antecipar a tomada de ações preventivas e de melhorar a capacidade preditiva e de resposta da instituição em relação a ocorrência de eventos desfavoráveis à organização.

5. PROCESSO DE REPORTE DE RISCOS À DIRETORIA

A Instituição definiu níveis de alçada e escalonamento de reporte com base em limites e tolerâncias conforme níveis de exposição ao risco, segregados por tipo/fator de risco, estabelecendo gatilhos (piso e teto) para comunicação de desenquadramento ou alcance de níveis próximos aos limites estabelecidos.

À medida que aumentam os níveis de exposição aos riscos conforme limites por tipo/fator de risco (Quantitativo/Qualitativo) os reportes são comunicados para ciência e tomada de providências conforme níveis de alçada. (Gerência, Diretoria – CRO, Diretoria de Compliance e demais Diretores).

6. INFORMAÇÕES QUALITATIVAS SOBRE O PROGRAMA DE TESTES DE ESTRESSE

Os resultados dos testes de estresse (Análise de Sensibilidade) são avaliados pela Área de Gerenciamento de Riscos/CRO e caso seja observado situação de desenquadramento em relação aos limites/tolerâncias estabelecidos, situação em que o perfil de risco atual ou nível de exposição de risco esperado, tenha alcançado limiares próximos aos níveis de desenquadramento e de tolerância, o relatório contendo as informações qualitativas e quantitativas é submetido para revisão, análise e tomada de decisão da Diretoria, que poderá manter, revisar e ajustar parcial ou totalmente as projeções realizadas.

O processo de revisão envolve análise integrada e iterativa dos instrumentos de gestão em termos qualitativos e quantitativos, abrangendo Plano de Negócios, RAS-Declaração de Appetite por Riscos, Plano Orçamentário e Plano de Capital e das premissas adotadas em relação as metas de crescimento projetadas para Ativos, Passivos, Receitas e Despesas que devem ser revisadas, ajustadas e atualizadas conforme o caso e aprovadas, considerando expectativas e os indicadores do Plano de Capital previstos para os 03 exercícios seguintes. Dentre as principais premissas e informações avaliadas, citamos as principais utilizadas:

- a) Condições Macroeconômicas; (Taxa de Juros, PIB, Inflação, Dólar, redução de receitas, etc.);
- b) Mercado de atuação, produtos e serviços oferecidos;
- c) Previsão de lançamento de novos produtos e mudanças relevantes nos negócios;

DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DE GERENCIAMENTO CONTÍNUO E INTEGRADO DE RISCOS

RELATÓRIO DE PILAR 3

- d) Expectativas de demandas de clientes por produtos e serviços;
- e) Capacidade de gerenciamento de riscos da Instituição;
- f) Capacidade da Instituição em aumentar capital, considerando futuras necessidades de aporte.

7. ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO DE RISCOS E SUA EFETIVIDADE

A Diretoria em conjunto com CRO, avaliam a exposição de risco atual e esperada e selecionam os instrumentos de mitigação/redução de risco considerados mais apropriados a cada tipo/fator de risco e eventos incorridos:

- a) Definição de estruturação de processos com segregação de funções, alçadas de decisão abrangendo níveis de aprovação e reporte;
- b) Concentração de recursos próprios em Títulos Públicos de alta liquidez, que representam baixo nível exposição de risco residual;
- c) Seletividade e diversificação de ativos em contrapartes ou fatores de risco que representam baixo grau de risco residual;
- d) Segregação de clientes/contrapartes por classificação de categoria de risco;
- e) Definição “Colchão de Liquidez” mínimo de caixa para enfrentar situações de estresse;
- f) Estabelecimento de Limites de Exposição / Tolerâncias por categoria de risco;
- g) Conciliação entre as posições das operações (front-Office), BackOffice, sistema contábil e de gerenciamento de riscos;
- h) Procedimentos e controles internos de confirmação, documentação, registro e liquidação de operações que envolvem transações com exposição ao risco;
- i) Baixa de ativos que oferecem maior nível de exposição ao risco e realocação dos mesmos em ativos de com menor ponderação e exposição;
- j) Identificação e análise de causa de eventos de risco operacional relevantes visando evitar reincidências de falhas, erros e/ou perdas financeiras;
- k) Formalização adequada de instrumentos contratuais;
- l) Adequação de estrutura tecnológica, melhoria e aperfeiçoamento de controles gerais de TI, controles sobre infraestrutura de TI; controles sobre adequação de sistema de segurança das informações e controles sobre processos de aquisição e manutenção de tecnologia da informação;

DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DE GERENCIAMENTO CONTÍNUO E INTEGRADO DE RISCOS

RELATÓRIO DE PILAR 3

- m) Melhoria e aperfeiçoamento de processos e controles de prevenção e de mitigação dos níveis de exposição ao risco operacional;
- n) Redução dos níveis de apetite por riscos e de metas projetadas para crescimento de ativos e receitas, quando aplicável, à níveis de exposição ao risco compatíveis com o porte, estrutura da organização e sua capacidade de gerenciamento de riscos;
- o) Existência de plano de contingência e de continuidade adequados e suficientes que atendam os objetivos de controle da instituição, conforme o porte, perfil de risco, natureza das atividades e estrutura da organização.

A efetividade e a eficácia dos instrumentos de mitigação e de controles internos são verificadas e monitoradas mediante execução de testes de controle, bem como acompanhamento e monitoramento das operações, processos e de eventos de perda pela 2ª linha de defesa (Gerenciamento de Riscos, Controles Internos e Compliance) e avaliações independentes realizadas pela Auditoria Interna.

8. DESCRIÇÃO DO GERENCIAMENTO DE CAPITAL, INCLUINDO A AVALIAÇÃO DE SUFICIÊNCIA E ADEQUAÇÃO DO PATRIMÔNIO DE REFERÊNCIA (PR) PARA COBERTURA DOS RISCOS DAS ATIVIDADES ATUAIS E PROJETADAS DA INSTITUIÇÃO

A Área de Gerenciamento de Riscos e de Capital sob Coordenação do CRO, realiza no mínimo, anualmente, projeções de ativos, passivos, receitas e despesas e de ativos ponderados pelo risco com visão prospectiva de 36 meses, abrangendo cálculo da necessidade de capital e a avaliação da suficiência do capital para suportar tais riscos (comparação entre o capital efetivamente mantido pela instituição e a sua necessidade de capital), considerando os objetivos estratégicos da instituição.

A Instituição avalia sua necessidade de capital, considerando diversos aspectos, abrangendo:

- a) Condições Macroeconômicas;
- b) Demandas Comerciais;
- c) Previsão de Lançamento de Novos Produtos e Serviços/Oportunidades de Negócios e Riscos Estratégicos;
- d) Apetite por Risco definido pela Diretoria/Acionistas, considerando mercado de atuação, modelo de negócios, parcerias estratégicas e intenção de assunção de riscos com novos mercados, produtos e serviços e de promover mudanças na estrutura, processos da organização;
- e) Definição de Risco Aceitáveis e Não Aceitáveis e limites de tolerância;
- f) Projeções de crescimento dos negócios (Receita e Despesas, Ativos e Passivos);
- g) Disponibilidade de Capital de Curto, Médio e Longo Prazo;

DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DE GERENCIAMENTO CONTÍNUO E INTEGRADO DE RISCOS

RELATÓRIO DE PILAR 3

- h) Compatibilidade da sua Estrutura Organizacional (Recursos Humanos, Estrutura, Tecnologia e Processos) e capacidade de gerenciamento e mitigação de riscos da instituição;
- i) Eventos de risco operacional/legal e de imagem, risco de liquidez, risco de concentração, dentre outros eventos não esperados e não cobertos pelo cálculo de apuração do requerimento mínimo de capital;
- j) Resultados das análises e avaliações dos testes de estresse;
- k) Avaliação comparativa entre Patrimônio de Referência e Requerimento Mínimo de Capital, entre indicadores de capital projetados, tais como capital consumido/índice de Basileia e análise das razões para as principais diferenças observadas;
- l) Capacidade da Instituição em realizar aumento de capital, considerando futuras necessidades de aporte.

O Plano de Capital é revisado e atualizado no mínimo anualmente e de forma integrada com os demais instrumentos de gestão (Plano de Negócios, Revisão da RAS-Declaração de Apetite por Riscos) considerando alterações nas condições econômicas, avaliações/alternativas estratégicas, mudança no perfil de riscos da instituição, aumento/redução de investimentos e de atratividade por produtos e serviços oferecidos e com base nos resultados dos testes de estresse, considerando diferentes cenários (Base, Otimista e de Estresse).

Na data-base 12/2024 a instituição apresentava situação de adequação de capital com margem de R\$ mil 3.337 (três milhões, trezentos e trinta e sete mil) e índice de Basileia de 22%, acima do requerimento mínimo de capital de 8% mais 2,5% de capital adicional.

Patrimônio de Referência	Requerimento de Capital + Adicional	Margem
R\$ mil 6.278	R\$ mil 2.941	R\$ mil 3.337

Sua Diretoria está plenamente engajada no processo.

Definiu e aprovou a política de gerenciamento integrado de riscos e de capital e disponibilizou adequados recursos humanos e materiais.

É responsável pelas informações e promoveu ampla divulgação aos clientes e colaboradores em seu site na rede mundial de computadores e/ou em publicação específica disponível a todos os interessados.

Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 2025.

Antonio Soliz Soares
Diretor – CRO